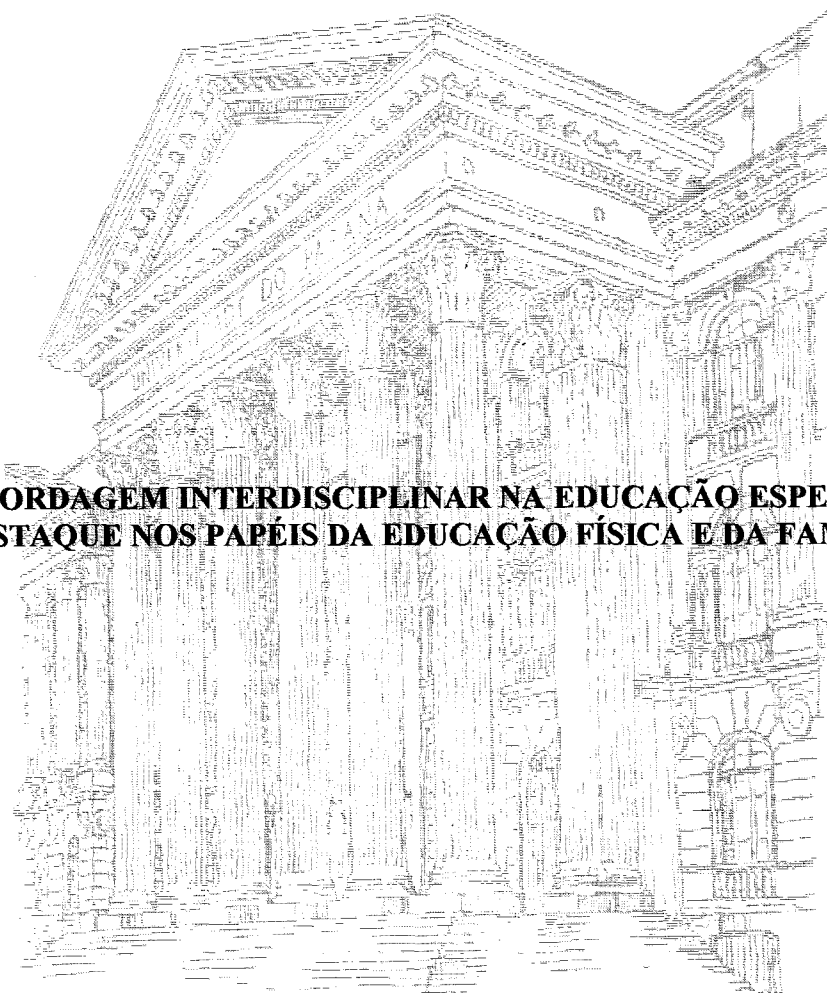


CÉSAR AUGUSTO PALHARES

**UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR NA EDUCAÇÃO ESPECIAL COM
DESTAQUE NOS PAPEIS DA EDUCAÇÃO FÍSICA E DA FAMÍLIA**



Monografia apresentada à Disciplina Seminário de Monografia como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação, do Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

Prof. da Disciplina: Prof. Sérgio Gregório.
Orientadora: Prof. Sônia Guariza Miranda.

**CURITIBA
2000**

“Ao examinarmos a história, verificamos que o conceito geral de se educar a criança até os limites de sua capacidade é relativamente novo.”

Kirk e Gallagher (1987, pp. 5 e 6)

À minha irmã e minha mãe, que nos momentos difíceis, confesso, pensei em desistir, mas no mesmo instante percebia que as dificuldades delas eram maiores que as minhas, e isso fez com que continuasse.

Este trabalho não poderia se concretizar sem a colaboração de amigos e familiares que, muitas vezes, abriram mão de seus interesses em favor das minhas necessidades. Nesse sentido, fica aqui a minha gratidão aos professores Rogério e Regina, que me ajudaram no início deste trabalho. E em especial, agradeço aos professores Sérgio Abrahão, Sérgio Gregório que acreditaram no meu potencial e à minha orientadora professora Sônia Guariza Miranda que aceitou este desafio. Sobre tudo, agradeço à toda comunidade da Escola de Educação Especial São Francisco de Assis, pelo acolhimento e solidariedade.

SUMÁRIO

| | |
|--|------------------|
| DEDICATÓRIA..... | <i>i</i> |
| AGRADECIMENTOS..... | <i>ii</i> |
| 1. INTRODUÇÃO..... | 01 |
| 1.1 PROBLEMA..... | 01 |
| 1.2 JUSTIFICATIVA..... | 04 |
| 1.3 OBJETIVOS..... | 05 |
| 1.4 METODOLOGIA..... | 06 |
| 2. REVISÃO DE LITERATURA..... | 07 |
| 2.2 QUANTAS PESSOAS TEM DEFICIÊNCIA?..... | 07 |
| 2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL..... | 09 |
| 2.3 A ESCOLA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL..... | 11 |
| 2.4 O PAPEL DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA EQUIPE INTERDISCIPLINAR.. | 12 |
| 2.5 A FAMÍLIA COMO CENTRO DA EQUIPE INTERDISCIPLINAR..... | 15 |
| 3. DESENVOLVIMENTO DO ESTUDO TEÓRICO-PRÁTICO..... | 17 |
| 3.1 COORDENADAS METODOLÓGICAS..... | 19 |
| 4. SISTEMATIZAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS..... | 24 |
| 5. CONCLUSÃO..... | 30 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | |
| ANEXOS | |

1. INTRODUÇÃO

1.1 PROBLEMA

Atualmente têm-se observado relativa preocupação, no tocante às atividades sociais, na inserção de pessoas portadoras de necessidades especiais no convívio social. Relativas a essa temática, algumas questões têm presença marcante na minha vida cotidiana pelo fato de conviver como membro de uma família onde a questão da diferença está presente, representada na minha irmã.

Discriminação, solidariedade, integração, inclusão, preconceito, signos sociais, estigma, diferença, incapacidade, etc., trazem para o meu cotidiano a necessidade de entender e interpretar a realidade na qual convivem as pessoas com necessidades especiais.

Percebendo esta necessidade, fui buscar dentro da Educação Especial, qual método utilizado para melhor desenvolvimento desse aluno. Constatei a partir de abordagem de campo, entrevistando profissionais da área, que dentro da Educação Especial existem métodos de trabalho desenvolvidos através de diferentes formas de organização das equipes envolvidas. O que se busca neste trabalho é compreender dentro da Educação Especial, como se desenvolve um trabalho Interdisciplinar.

A Interdisciplinaridade deve acontecer em vários momentos, várias profissões, mas vamos nos ater à Educação Especial; uma proposta de trabalho onde uma equipe técnica (Fisioterapeuta, Médico, Psicólogo, Fonoaudiólogo), uma equipe pedagógica (Coordenadora Pedagógica, Professor de Ed. Física, Professor de Música, Professor de Sala de Aula, Atendentes), estabelecem uma abordagem que deverá necessariamente envolver o educando e sua família. A família precisa ser abordada interdisciplinarmente, ela precisa saber o que pode obter de orientação em cada área que está trabalhando com seu filho, e assim como cada área pode entrar atuando nessa família. Ou seja, cada área pode falar e escutar, para chegar a uma conclusão do que é melhor para o aluno portador de necessidades especiais e sua família. Essa equipe técnica, pedagógica e a família devem visar um mesmo objetivo, que é tornar o dia-a-dia do portador de necessidades especiais em algo mais significativo.

No desenvolvimento do presente estudo, senti a importância de compreender não só o conceito de interdisciplinaridade na Educação Especial, mas também no Ensino Fundamental. E uma das conceituações que me chamou a atenção foi a de uma professora de 1^a a 4^a série : “Tratar o conteúdo de uma forma global, tendo uma visão ampla de todas as disciplinas.”

Segundo DEMO (1992):

“ A interdisciplinaridade ocorre através das relações entre os vários especialistas das diversas áreas do conhecimento, ou seja, o trabalho em conjunto de diversos professores das diversas disciplinas. Porém o que ocorre no ensino de 1ª a 4ª série, na verdade trata-se da multidisciplinaridade, onde o professor regente trabalha o conteúdo de uma forma global, dando algumas “pinceladas” em todas as áreas do conhecimento, sem no entanto conhecê-las profundamente”.

Conforme afirma BUSCAGLIA (1983, p. 280):

“ A melhor forma de propiciar ao indivíduo deficiente uma reabilitação positiva é fazer com que essas disciplinas variadas realizem um trabalho em equipe. Com uma grande frequência, os profissionais trabalham isolados em relação aos outros. Talvez o médico não saiba o que o fonoaudiólogo está fazendo; este, por sua vez, pode não saber que tipo de trabalho está sendo realizado pelos educadores, os quais não saberão que atitudes a família toma; tudo em detrimento do indivíduo deficiente”.

É necessário que o grupo de trabalho veja a pessoa com deficiência da perspectiva de cada componente, de modo que cada disciplina conheça seu papel específico e bem definido na abordagem. Mas é também importante (apesar de tantas vezes ignorado) que o indivíduo seja visto como um todo, um ser completo, que apesar de suas diferenças, é preciso saber valorizar aquilo que ele tem de potencial. O perigo é inerente quando o médico vê o paciente como uma parte do corpo, o fisioterapeuta o vê como um músculo, o terapeuta ocupacional como uma atividade, o professor de Educação Física como um conjunto de movimentos, o educador como um déficit e os pais vêem a criança como um mistério sem solução.

1.2 JUSTIFICATIVA

O que despertou a minha atenção foi entender como é realizado o trabalho dentro da Escola Especial, para o melhor desenvolvimento das capacidades do aluno com necessidades especiais.

Esta pesquisa buscará entender que por mais importante que sejam os profissionais que atuam na escola de Educação Especial, como o papel da família deve estar integrado ao da escola, pois de nada adianta a criança ficar em média 4 horas na escola se ela vai passar a maior parte do dia em casa sem a continuidade dos trabalhos.

A Educação Especial que representa o foco central deste estudo, tem por finalidade prestar atendimento a pessoas com necessidades especiais. A Instituição escolhida para a pesquisa de campo desenvolvida por este estudo se declara como a única no Estado que atende alunos com grau severo de deficiência mental, mais especificamente pessoas com dificuldade para a abstração, dificuldades na linguagem, dificuldades para elaborar e fixar imagens mentais, dificuldades para estabelecer relações cognitivas, sociais e afetivas, além de dificuldades motoras .

A instituição destinada à educação de pessoas portadoras de necessidades especiais de grau severo, visa desenvolver habilidades de auto-

cuidado e socialização buscando atingir uma semi- independência no núcleo familiar, oferecendo um atendimento psicopedagógico e terapêutico, respeitando a individualidade de cada educando bem como suas limitações.

1.3 OBJETIVOS

- Discutir o papel da equipe interdisciplinar, e dentro desta o papel da Educação Física no processo educativo dos alunos e alunas portadoras de necessidades educativas especiais;
- Analisar a importância atribuída pelos profissionais à participação da família no trabalho desenvolvido pela escola especial;
- Verificar as formas de atuação utilizadas pela escola especial no trabalho da equipe interdisciplinar.

1.4 METODOLOGIA

Este estudo desenvolveu uma revisão da literatura quanto ao contingente estimado de pessoas que apresentam deficiência, sobre a contextualização histórica da Educação Especial, sobre conceitualização de Escola Especial, sobre o papel da Educação Física na equipe interdisciplinar e sobre a família como centro da equipe interdisciplinar.

No âmbito teórico-prático, foi desenvolvido um estudo de caso junto à escola de Educação Especial São Francisco de Assis. Neste estudo de caso, foram abordados a direção da escola, professores e funcionários da escola especial escolhida.

Após a coleta das informações, procedeu-se à sistematização e interpretação dos dados, e posterior conclusão.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 QUANTAS PESSOAS TEM DEFICIÊNCIA?

Conforme afirma Romeu Kazumi Sassaki (1998):

“ Órgãos governamentais, instituições especializadas, associações, conselhos e coordenadorias referentes a pessoas com deficiência, cada um levado por um motivo diferente dos outros, têm feito esta pergunta com certa frequência nos últimos 20 anos. Esses motivos estão ligados basicamente à necessidade de subsidiar planejamento de serviços de programas, fundamentar políticas públicas a serem defendidas ou criticadas em discursos e palestras, mencionar essa informação em livros, artigos e monografias sobre pessoas com deficiência e conscientizar determinados setores da sociedade. Conforme dados estatísticos de órgãos internacionais ligados diretamente as questões de deficiência no mundo, como: Rehabilitation International, Organização Mundial de Saúde (OMS), Organização das Nações Unidas (ONU), nos anos 80 existiam cerca de 500 milhões de pessoas deficientes no mundo, isto é aproximadamente 10% da população mundial. Novos estudos estatísticos foram feitos na última década, e confirmaram que 10% da população do mundial tem algum tipo de deficiência, podendo chegar a 15% em países subdesenvolvidos, partindo do princípio de que cada 10 crianças que nascem pelo menos uma possui algum tipo de deficiência, podendo ser um impedimento físico, mental ou sensorial, e que pelo menos 25% da população geral são adversamente atingidos pela presença das deficiências. Baseado nestes dados estatísticos, percebe-se com considerável eloqüência, o enorme tamanho do problema e, complementando seu alcance universal o bem conhecido impacto deste fenômeno sobre qualquer sociedade como um todo.”

Segundo o Ministério de Educação e Cultura (1995, pp. 7 e 8):

“A Política Nacional de Educação Especial compreende, portanto, o enunciado de um conjunto de objetivos destinados a garantir o atendimento educacional do alunado portador de necessidades especiais, cujo o direito à igualdade de oportunidades nem sempre é respeitado. A expectativa, a partir da concretização desse enunciado, é de que, na entrada do século XXI o número de alunos atendidos cresça pelo menos 25 por cento, o que ainda pode ser considerado muito pouco, tendo em vista a atual demanda, estimada em torno de 10 por cento da população, dos quais apenas cerca de 1 por cento recebe, atualmente, atendimento educacional.

Se hoje é reconhecido que 10% da população mundial necessita de algum tipo de atendimento especial e o Brasil está possibilitando acesso à apenas 1% da população, isto significa que o governo deste país tem políticas incapazes de suprir o atendimento necessário, com o agravante da adoção de uma postura de transferência da responsabilidade de ofertas de atendimento especial à iniciativa privada, representada predominantemente por organizações não- governamentais . É um modelo que não atende as necessidades da realidade brasileira, o que significa o abandono histórico do Estado em cumprir o papel de oferta de atendimento especializado às pessoas portadoras de necessidades especiais. É um modelo que pelos documentos oficiais não aponta modificações estruturais deste quadro, pelo contrário, persiste nesses documentos a transferência de

responsabilidade para a comunidade, através das ONG's (Organizações Não Governamentais), que é o caso da escola escolhida para o presente estudo.

2.2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Desde a Antigüidade Clássica até o Renascimento, os deficientes mentais eram considerados seres demoníacos, enfeitiçados e delinqüentes que tinham de ser perseguidos e castigados.

No princípio do séc. XVIII, logo após a Revolução Francesa, foram produzidos avanços importantes no campo das deficiências sensoriais (surdos e cegos) que representaram significativo avanço na questão das percepções, haja visto o desenvolvimento, por exemplo, da comunicação por gestos e da lectuescritura (braille) respectivamente.

Percebe-se aqui, não a exploração de novas potencialidades, mas sim a substituição por vias alternativas no sentido de compensar as carências por novas formas de percepção.

No séc. XIX, porém, os médicos e os pedagogos utilizaram-se de uma abordagem científica da educação dos deficientes mentais e sensoriais. Até então, demência (doença mental) e amência (deficiência mental) eram tratados da mesma forma. O primeiro médico a diferenciá-los foi Esquirol que, em 1818 (Pessoti, 1984. In: *Mães e filhos especiais*. Mina regen et al..1994:90) escreveu:

“O homem louco é privado dos bens que outrora gozava; é um rico tornado pobre. O louco pode variar; o idiota é sempre o mesmo. Este tem muitos traços da infância; aquele conserva muito a fisionomia do homem feito. Em ambos as sensações são nulas, ou quase nulas; mas o homem louco, na sua organização e mesmo na sua inteligência, demonstra qualquer coisa da perfeição de outrora; idiota é o que sempre foi, é tudo o que pode ser, relativamente à sua organização primitiva...”

Nesta época, na Europa, foram criadas instituições fechadas para os mais gravemente afetados e as classes especiais para os que eram levemente atrasados. Já, nos Estados Unidos, havia muito mais uma preocupação por adaptar os deficientes mentais e sensoriais à instituição do que favorecer a sua própria independência, neste caso não proporcionava ao deficiente uma integração na sociedade.

Na entrada do século XX na Europa, surge uma série de lacunas que merecem ser citadas, isolando a primeira metade do século da segunda, onde terá lugar a mudança no processo de normalização. Foram criadas escolas especiais para pessoas cegas, surdas e portadoras de deficiências mentais, assim como

profissionais (médicos, psicólogos) capacitados para alcançar a autonomia pessoal e adaptação social. É justamente no final da década de 50 que há uma mudança conceitual em relação as atenções que são prestadas as pessoas em inferioridade de condições. Os pais questionam a razão pela qual seus filhos estão segregados do meio familiar, os professores colocam em questão a função que estão desempenhando, já que com a Educação Especial segregada não estão sendo cumpridos os objetivos pretendidos, ou seja, a integração social.

Um valioso estudo sobre este contexto histórico foi produzido por Bueno (1993, :17- 21).

2.3A ESCOLA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional no seu artigo 4º coloca:

“O dever do Estado com a Educação Especial pública será efetivado mediante a garantia de:
III. atendimento Educacional Especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino.”

É preciso não esquecer que há uma grande parcela de educandos com necessidades especiais, cujas peculiares diferenças não lhes permitirão estarem inseridos no ensino comum. O que vale dizer que é imprescindível o fortalecimento de Instituições Especializadas para o atendimento de tais necessidades. Esta é uma das razões pelas quais se optou neste estudo pela investigação teórico-prática de uma Instituição com essas características, que é o caso da Escola de Educação Especial São Francisco de Assis, o que será posteriormente abordado.

2.40 PAPEL DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA EQUIPE INTERDISCIPLINAR

A Educação Física proporciona a melhora do desempenho do aluno portador de necessidades especiais em geral, como locomoção, psicomotricidade, coordenação motora, percepção, enfim promovendo momentos de descobertas para a vida do aluno portador de necessidades especiais, tornando o seu dia-a-dia algo significativo, valendo ressaltar que isto só é possível com a participação efetiva dos pais, técnicos e pedagogos.

Os trabalhos mais utilizados são: rolamentos, trabalhos no chão, engatinhar, utilização do banco sueco, bolas gigantes, arremessos, caminhadas em grupos de alunos por supermercados, lojas, shoppings, promovendo a integração social. É muito utilizado também um circuito criado nesta escola pela professora Marília, formada em Educação Física com especialização em DM pela UFPR. A idéia de criar esse circuito surgiu da necessidade das crianças em poder brincar nos parques e praças da cidade, sendo que essas praças não estão adaptadas para os nossos alunos. O circuito é composto de equipamentos adaptados para treinar os alunos para que os mesmos além de poderem brincar nos parques e praças também desenvolvam melhor a questão da locomoção.

A Educação Física na Equipe Interdisciplinar na escola especial é muito importante, pois existem casos de crianças que chegam na escola totalmente sem estímulos, tornando o trabalho do profissional de Educação Física imprescindível não só na parte motora desse aluno, mas também na sua estimulação psicomotora e sua integração na sociedade.

As grandes dificuldades se dão pela pouca literatura sobre Educação Física na Educação Especial. Na maioria das vezes os livros não apresentam fundamentos teóricos mas apenas a prática .

Os alunos que apresentam comprometimentos sérios na área da comunicação verbal na maioria das vezes só se comunicam na expressão gestual.

Outra dificuldade em relação às pessoas gravemente atingidas pela deficiência mental é que estas não têm uma atividade física regular, ocorrendo que na maioria das vezes tem rotinas de atividades ficando grande parte do tempo sentadas.

A Educação Física juntamente com a Fisioterapia trabalha com a estimulação de movimentos e o trabalho com a pessoa que apresenta a deficiência mental se caracteriza por pequenos ganhos que se tornam muito significativos. Trabalha-se com exercícios localizados específicos e também atividades de forma recreativa (caminhadas, brincar de roda, jogar bola e passeios). A respiração é muito estimulada com exercícios em, que o professor tem que fazer o movimento em contato com o aluno (elevação de braços, trabalho no abdômen). Junto com esses trabalhos são utilizadas técnicas de relaxamento, principalmente nos dias em que alguns estão um pouco agitados.

2.5A FAMÍLIA COMO CENTRO DA EQUIPE INTERDISCIPLINAR

Como afirma BUSCAGLIA (1983, p. 282):

“Os pais e a criança deficiente devem ser o centro da equipe, pois, independente do quão são inteligentes, observadores e capazes sejam os profissionais, estes nunca terão tanta familiaridade com a criança quanto os pais. São estes que serão capazes de recordar e relatar os primeiros sinais de desvio, os meses de sofrimento, o padrão de crescimento e desenvolvimento. Eles conhecerão o desempenho atual da criança mais do que qualquer outra pessoa – os hábitos de comer, dormir e brincar. Poderão dizer o que a criança pode ou não fazer e o que ela parece fazer. Naturalmente, alguns não saberão tudo o que se espera que saibam, mas todavia saberão mais do que ninguém. Pois quem, além deles, passou anos em contato sensível com a criança?”

Sabe-se que a o aluno portador de necessidades especiais permanece na escola apenas quatro horas do dia e as outras vinte horas com a família. Isto mostra que a maior parte do dia esse aluno fica com os pais havendo necessidade de que estes dêem continuidade ao trabalho desenvolvido na escola. O que muitas vezes ocorre é que o despreparo de muitos pais quando é detectado que seu filho tem alguma deficiência acaba promovendo uma superproteção por parte da família, o que também acaba sendo prejudicial. Existe também aqueles pais que trabalham o dia inteiro, e para compensar o pouco tempo que ficam com o filho, fazem tudo por ele e o filho não progride no seu aprendizado. Também acontece que mães que não trabalham e mesmo assim não demonstram nenhum interesse

pela continuidade do aprendizado de seus filhos tornando os mesmos incapazes e impossibilitados.

Nesse contexto, a família pode atuar de uma forma rica para um melhor desempenho da pessoa portadora de necessidades especiais. A família deve ser o ponto de equilíbrio entre a sociedade que seu filho terá de viver e o ambiente mais receptivo que ela pode lhe oferecer. Para que isto aconteça é importante que cada membro desta família possa adaptar os seus sentimentos em relação a criança portadora de necessidades especiais e deficiência, ajudando o filho a ajustar os seus sentimentos em relação a própria deficiência e a si mesma, como uma pessoa completa.

3 . DESENVOLVIMENTO DO ESTUDO TEORICO-PRÁTICO

Os primeiros passos desse estudo ficaram concentrados na revisão bibliográfica para melhor contextualizar a Educação Especial, a deficiência / diferença, trabalho compartilhado, interdisciplinaridade, integração / inclusão, o trabalho com a família e a sociedade perante a pessoa portadora de necessidades especiais.

A partir desta base teórica sobre o assunto em questão, partiu-se para um contato direto com a de pesquisa de campo com estudo de caso qualitativo da Escola de Educação Especial São Francisco de Assis, localizada em Curitiba, PR.

Esta Escola atende a uma clientela na sua maioria de baixo poder aquisitivo, e ainda assim, conta com uma equipe de profissionais capazes de suprir as necessidades de aprendizagem desses alunos como: coordenadora pedagógica, psicóloga, assistente social, médica, fisioterapeuta, musicoterapeuta, professor de música, professor (a) de Educação Física e outros profissionais especializados na área de Educação Especial.

A partir dos primeiros contatos estabelecidos com a Escola de Educação Especial percebeu-se que os profissionais que hoje ali trabalham começaram na sua maioria somente com o magistério e a especialização de um ano na Educação Especial. Com o passar do tempo esses profissionais sentiam cada vez mais a falta de conhecimento para um melhor desempenho do trabalho com esses alunos. Isso

fica bem claro, quando se constatou que hoje a maior parte destes profissionais tem graduação em curso superior e especialização na área de Educação Especial ou estão em formação.

A partir do levantamento de dados em campo, procedeu-se a uma análise tomando-se como referência a base teórica deste estudo.

O importante do estudo de caso é o seu potencial, o que ajuda o investigador/a no desenvolvimento da compreensão teórica sobre a área estudada na vida social. Taylor e Bogdan (1996:105) declaram que: "...na investigação qualitativa, um [grupo de uno] pode ser tão esclarecedor como uma amostra (e com muita frequência é mais)". E no mesmo sentido Stake (1998) observa que a unicidade dos casos e dos contextos individuais é importante para a compreensão, é importante entender a particularidade do caso.

3.1 COORDENADAS METODOLÓGICAS

a) Escolha dos sujeitos

A partir das primeiras leituras, principalmente no tocante a história da Educação Especial já se percebeu a necessidade do trabalho de campo, quando procedeu-se

a uma visita à Escola de Educação Especial São Francisco de Assis, visando perceber como esta hoje em dia a questão da interdisciplinaridade, se existe e como acontece as relações entre as disciplinas.

A razão principal de escolher esta escola foi a minha irmã fazer parte da mesma, pois também é portadora de necessidades especiais. E também o contato que tive com as pesquisas que fiz nesta escola em anos anteriores para os trabalhos de Genética e o meu Projeto de Pesquisa desta monografia que enfatizava a participação dos pais nesta instituição nos primeiros anos deste meu curso acadêmico.

Outro fator relevante é o trabalho da direção da escola, professores e funcionários para que a instituição se mantenha como ela esta hoje, buscando recursos para ampliar seus espaços e com isso trazendo mais alunos que ainda não possuem uma escola com tamanha responsabilidade e que atenda seus graus de necessidades.

Os dados utilizados foram coletados junto aos seguintes profissionais:

Equipe Técnica

1. Assistente Social
2. Psicóloga

3. Médica

4. Fisioterapeuta

Equipe Pedagógica

1. Direção Escolar

2. Professora de Música

3. Professoras de Educação Física

4. Coordenadora Pedagógica

b) Os instrumentos de trabalho

A partir da bibliografia sobre Educação Especial e identificação do problema foram enfatizados itens que nortearam as entrevistas com as pessoas diretamente ligadas as pessoas portadoras de necessidades especiais.

A entrevista é o instrumento importante em uma investigação quando se utiliza em conjunção com outros métodos, sobretudo como a observação, mas o principal sobre as alternativas etnográficas é que constituem uma forma de observação participante (Woods, 1987:104).

Para a realização das entrevistas foi solicitada permissão para gravar e depois proceder-se à devolução do material para retificação das informações, informando-se sobre a possibilidade de retorno para acrescentar dados.

Foram utilizados roteiros simplificados (ver anexos), conversas com profissionais para melhor localização do assunto e participações das reuniões como o Espaço Aberto, que é uma das modalidades de participação das famílias.

c) A observação participante

Foi importante a observação das aulas de Educação Física, percebendo-se como se desenvolve o trabalho com essas crianças, a importância do profissional de Educação Física especializado na Educação Especial no trabalho com a equipe.

d) A negociação de entrada ao campo

Apresentei para a escola minha proposta de trabalho na qual solicitei a permissão para poder realizar a coleta de dados. Nesta apresentação enfatizei que o objetivo do meu trabalho era de compreender e refletir sobre a questão da interdisciplinaridade baseado em entrevistas e observações com a equipe e das aulas, respectivamente.

Por prudência e ao mesmo tempo por receio não revelei a essência, ou seja, a problematização do meu trabalho, porque quando se fala em pesquisa o primeiro pensamento que vem a mente das pessoas é a palavra avaliação e não é esse o objetivo do meu trabalho.

Após permissão para que eu trabalhasse na escola, parti para negociação com aqueles que foram meus informantes, no caso as pessoas que trabalham na instituição.

Foram agendados os dias das entrevistas fornecendo-se aos entrevistados um roteiro simplificado com os itens da entrevista (ver anexos). Com isso procurei amenizar a posição de investigador, entendendo que dessa maneira tranquilizaria previamente os profissionais com relação a sua fala.

e) Resultados e discussões

Fiz várias leituras dos questionários e documentos, procedendo a divisões por categorias:

- subjetivos (ponto de vista pessoal)
- formais (relacionado ao conteúdo, método, avaliação, relação com os alunos e os profissionais da equipe)
- institucionais (a escola, ambiente, equipe, relações, instalações, condição financeira, recursos, materiais, alimentação)

Em seguida foi feita a comparação com a bibliografia estudada para realizar a articulação dos métodos (observação e entrevistas) dos estudos e dos especialistas no assunto, sendo considerados os questionamentos e as opiniões

dos entrevistados, havendo transcrição dos dados relevantes à problemática da pesquisa.

O estudo de caso, foi desenvolvido dentro da Escola de Educação Especial São Francisco de Assis, no meses de junho à novembro de 2000, nos períodos da manhã e tarde, perfazendo aproximadamente 44 horas.

4. SISTEMATIZAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

O que levou a escolha da Educação Especial para trabalhar?

As respostas mais presentes foram: principalmente pelo pouco conteúdo da disciplina na faculdade e pelo interesse em trabalhar na área aprofundando conhecimentos, e também por se identificar com a área de trabalho.

Experiência Profissional

Os respondentes indicaram que antes de entrar na faculdade fizeram magistério e sendo aí a primeira experiência com a educação.

“Depois de formada comecei trabalhando no atendimento clínico com os familiares das crianças especiais e depois diretamente com o aluno especial” (psicóloga).

Iniciou com atendimento clínico, depois teve a oportunidade de conhecer a Educação Especial. Percebeu as dificuldades a aceitou o desafio, sentido-se hoje um profissional comprometido com a carreira que escolheu (fisioterapeuta).

Quais as principais dificuldades?

A maioria da equipe foi unânime em afirmar que a falta da participação dos pais com a equipe, não permite uma continuidade dos trabalhos com o aluno.

Segundo a professora de Educação Física a falta de literatura específica da área até hoje é sua principal dificuldade.

Partindo da direção até os técnicos e pedagogos o que mais se comentou foi o descaso do governo cada vez maior com relação à Educação Especial .

Qual o lado mais gratificante em trabalhar com esses alunos?

As respostas foram unânimes com relação aos resultados, isto é, os objetivos atingidos. São pequenas mudanças, mas de grande valor no desenvolvimento desses alunos.

A sociedade ainda discrimina/exclui? Na sua opinião o que fazer para melhoria dessa situação?

Partindo do princípio de que a sociedade tem que aprender a conviver com o portador de necessidades especiais a escola promove passeios, caminhadas aos locais onde se concentra o maior número de pessoas como shoppings, supermercados, praças públicas, lojas, etc.

O que mais chamou atenção foi o fato de que o problema em alguns casos inicia-se na própria família, pois muitas vezes o pai abandona a criança quando percebe que a mesma possui uma necessidade especial. Com o abandono deste

pai, a mãe assume o papel do mesmo, ocasionando a superproteção que também é prejudicial para esta criança.

O aspecto peculiar é que essas mães são chamadas dentro da escola de “pães”, pois assumem o papel do pai e da mãe ao mesmo tempo. Percebe-se nas reuniões com as famílias dos alunos (ESPAÇO ABERTO), a maioria que se faz presente são as mães destes.

O que a escola faz para promover a integração?

Entende-se como integração a participação efetiva desse aluno na família, na comunidade e na sociedade.

Importante é destacar que a presença da família vem gradativamente aumentando sua participação nas funções atribuídas dentro da equipe, chegando hoje a 50% de participação, sendo que a alguns anos essa participação não passava dos 20%. Esse aumento deve-se ao fato de que hoje existem programas efetivos que ajudam e incentivam a participação da família no processo educativo, tais como:

1. Pais Calouros: esse programa é aplicado junto a pais de novos alunos, onde num primeiro momento os “pais calouros” são recebidos pelos “pais veteranos”, criando um clima de confiança no trabalho da escola.

2. Clube de Mães: As mães se reúnem todas as quartas-feiras na escola para desenvolverem trabalhos manuais com a supervisão da professora de Educação Física Marília (criadora do circuito). Segundo Direção da Escola o objetivo principal é a integração entre as mães, discutindo as dificuldades enfrentadas dentro do processo educativo e familiar.
3. Conselho de Classe Participativo: reuniões periódicas contando com a participação da equipe pedagógica, técnica e a família.
4. Atividades Extras e Festivais: São atividades que têm como objetivo principal a maior integração da família. São atividades como: passeios, jantares, bingos, etc.
5. Visitas Domiciliares: essas visitas são realizadas para que tanto a equipe técnica como a pedagógica possam inteirar-se da rotina diária do aluno dentro de casa, e para usar esses dados dentro da escola transformando a sala de aula numa extensão da casa do aluno.
6. Espaço Aberto às famílias: é onde acontece a maior interação da equipe com a família do aluno. Ali acontecem palestras, vivências, atividades em grupo e conscientização da importância da equipe interdisciplinar para melhora do desenvolvimento de seus alunos.

O que entende por interdisciplinaridade?

Os respondentes indicaram que é uma abertura entre as áreas de atuação. Cada profissional com o conhecimento de sua área interage com os outros membros da equipe, com o objetivo único, o desenvolvimento do portador de necessidades especiais.

Fazem reuniões regulares com a equipe?

É feita uma reunião com a equipe técnica, uma com a equipe pedagógica e outra com a família. Estas reuniões acontecem a cada duas semanas.

Existe uma participação dos pais como centro da equipe?

Existe e é de fundamental importância, conforme afirma a pedagoga, é visível a melhora naquele aluno em que existe uma participação efetiva dos pais. A continuidade das atividades desenvolvidas na escola em casa é de fundamental importância, visto que o aluno passa somente 4 horas do dia na escola e as outras 20 horas em casa.

Qual o papel da Educação Física na equipe?

Os respondentes indicaram que Educação Física na Educação Especial é mais valorizada neste contexto do que no ensino regular. Quando se trata de uma

criança especial com deficiência mental severa que na maioria das vezes esta chega na escola sem estímulo nenhum, é de extrema importância a participação do profissional de Educação Física, como fator motivante para que esse envolvimento aconteça.

O simples fato de entrarem na sala de Educação Física e os colchonetes estarem no chão eles já sabem que é para deitar e iniciar o relaxamento, sendo os toques feitos pelo próprio professor.

Segundo a professora de Educação Física o problema é deixar essas crianças sem atividade física, pois elas ficam obesas facilmente (sedentarismo) uma vez que muitas não têm limites quanto à alimentação, por isso a grande importância da Educação Física e professor de sala de aula.

Quais as preocupações atuais com relação à Educação Especial?

No relato de uma das professoras de Educação Física o fator predominante no momento é a questão da inclusão. Uma Lei que vem sendo colocada de cima para baixo sem tomar os devidos cuidados com a pessoa que apresenta a deficiência mental severa. A professora coloca que nesta escola os alunos trabalham na sala de aula com um grupo de no máximo seis alunos juntamente com duas profissionais e essa estrutura tais casos de alunos não vão

encontrar na escola normal. Da forma como foi elaborada, essa Lei não dá a devida atenção com relação aos limites de nossos alunos e a necessidade de uma equipe especializada junto com esse aluno e isso não existe na escola regular. Não existe nas escolas comuns uma equipe especializada em Educação Especial que auxilie o professor de sala de aula. Com a legislação atual, todas as escolas deveriam ter professores preparados para trabalhar com alunos portadores de necessidades especiais. Porém, o governo não estrutura a rede de ensino para que haja uma adaptação do aluno especial no ensino regular.

Quais as mudanças mais significativas desde seu início profissional com os alunos especiais ?

Segundo a professora de sala de aula, os resultados obtidos são mais significantes quando ocorrem movimentos que nem a própria família imaginava que o aluno fosse capaz de fazer e depois de muitos esforços ele conseguiu. Ela cita o caso de sua aluna que quando chegou na escola não andava e só via novos ambientes no colo da mãe. Hoje, aproximadamente dois anos depois ela anda graças ao esforço dela juntamente com a equipe.

5. CONCLUSÃO

Com esta pesquisa foi possível detectar o quanto é importante a interdisciplinaridade da equipe na Educação Especial. As interações entre família, técnicos e pedagogos são de fundamental importância quando falamos de Educação e principalmente de Educação Especial. É visível o progresso do aluno que tem este atendimento em vista daquele que não tem, neste último caso, é sinal que uma das partes da equipe não trabalha em sintonia com o todo. Esta parte se fragmenta na questão dos pais na maioria das vezes. E o pior é que a família deveria ser o elo mais forte da equipe e como tal dando continuidade aos trabalhos desenvolvidos na escola, para isso requerendo por parte da escola programas específicos para a integração familiar. No caso da escola investigada foi possível perceber um grande esforço da equipe de profissionais nesta direção, com a criação de espaços específicos, planejados e sistemáticos, para a participação da família ocorrer.

Outra questão que apareceu como preocupação entre os profissionais investigados, foi o descaso do governo com relação a educação e a saúde, justamente duas prioridades quando se trata de Educação Especial, pois são alunos que além do atendimento pedagógico devem paralelamente ter um atendimento clínico- terapêutico. São alunos na sua maioria com multideficiências

que freqüentam a escola para pelo menos serem semi-dependentes no seu dia a dia em busca da participação em sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL, Secretaria de Educação Especial, Política Nacional de Educação Especial. Brasília: Imprensa Nacional, 1994.
- BRASIL, Secretaria de Educação Especial, Educação Especial no Brasil. Brasília: Imprensa Nacional, 1994.
- BUSCAGLIA, Léo. Os deficientes e seus pais: um desafio ao aconselhamento. Rio de Janeiro: Record, 1993.
- FONSECA, Vitor da. Educação especial. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- FONSECA, Vitor da. Educação especial: programa de estimulação precoce – uma introdução as idéias de Feuerstein. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- MACHADO BUENO, Jocian, Psicomotricidade: teoria & prática/estimulação, educação, reeducação psicomotora com atividades aquáticas. São Paulo: LOVISE, 1998.
- MOVIMENTO DE MULHERES JOVENS. Handicapés. Paris. Barrier Awareness, 1982.
- PÉREZ DE LARA, Núria. La capacidad de ser sujeto. Más allá de las técnicas en educación especial. Barcelona: Laerts, 1998.
- RIBAS, João Batista Cintra. As pessoas portadoras de deficiência na sociedade brasileira. Brasília: Corde, 1997.
- SILVEIRA BUENO, José Geraldo, Educação especial brasileira: integração/segregação do aluno diferente. São Paulo: EDUC, 1993.

ANEXOS

ANEXO I

1. Roteiro simplificado fornecido aos profissionais da equipe interdisciplinar antes da entrevista constando:

- . Motivos que levaram a escolha profissional
- . Experiência como profissional
- . Formação – cursos
- . Dificuldades
- . Preocupações
- . Modificações / adaptações
- . Relações pessoais e profissionais
- . Relações com o pai ou a mãe das crianças
- . Momentos importantes
- . Facilidades
- . Atividades pessoais: lazer, família, social, etc.

ANEXO II

2. Roteiro das entrevistas com a equipe

- O que levou a escolha da Educação Especial para trabalhar ?
- Experiência profissional
- Quais as principais dificuldades ?
- Qual o lado mais gratificante em trabalhar com esses alunos ?
- A sociedade ainda discrimina / exclui ? Na sua opinião o que fazer para melhoria da situação ?
- O que a escola faz para promover a integração ?
- O que entende por interdisciplinaridade ?
- Fazem reuniões regulares com a equipe ?
- Existe uma participação dos pais como centro da equipe ?
- Qual o papel da Educação Física na equipe ?
- Quais as preocupações atuais com relação a Educação Especial ?
- Quais as mudanças mais significativas desde seu início profissional com as crianças especiais?

ANEXO III

3. Roteiro de observação

Observação das aulas de Educação Física:

Dia:

Hora:

Prof(a):

Localização temporal e espacial

Definição do ambiente na situação observada

Processos de integração: Existem ?

Materiais utilizados

Participação dos alunos

Papel do professor / alunos